

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ITINERÁRIO DE PASÁRGADA, DE MANUEL BANDEIRA: (RE)CONSTRUINDO A VIDA E A POESIA

Fátima Cristina Dias Rocha (UERJ)

fanalu@terra.com.br

Em 2009, Manuel Bandeira foi o escritor homenageado pela Feira Literária de Paraty. Nas palavras de Flávio Moura, Diretor de Programação do evento, a homenagem da Flip 2009 pretendeu contribuir para “a revalorização da obra poética e para tornar mais conhecidas as diversas faces de Manuel Bandeira”.

Tais faces têm sido contempladas pelas belas (re)edições da obra de Manuel Bandeira, sob a responsabilidade da editora Cosac Naify: em 2006, saíram *50 poemas escolhidos pelo autor* e *Crônicas da Província do Brasil*; em 2007, *Poemas religiosos e alguns libertinos*; em 2008, o volume *Crônicas inéditas I/1920-1931*, a que se seguiram, em 2009, o segundo volume das *Crônicas inéditas/1930-1944* e a antologia *Apresentação da poesia brasileira*.

Livros e homenagem vêm reacender o interesse pelo singular *Itinerário de Pasárgada* – balanço de uma vida dedicada à poesia, relato que abre ao olhar do leitor a oficina poética de Manuel Bandeira, revelando-lhe os bastidores de sua experiência literária.

Ora, como afirma Leonor Arfuch (2002), referindo-se ao “retorno do autor” e ao espaço biográfico contemporâneo, multiplicam-se hoje as biografias de notáveis e famosos, as entrevistas, os exercícios de “ego-história”, as autobiografias intelectuais e a narração autorreferente da experiência teórica. Assim, se a atual “expansão de subjetividades” (Arfuch, 2002: 20) desencadeia o ressurgimento dos gêneros autobiográficos canônicos, o *Itinerário de Pasárgada* insere-se nesse contexto como

um livro extraordinário, muito peculiar no quadro da literatura brasileira, não apenas pela qualidade da prosa, mas pela forma rara em que se realiza enquanto gênero, transformando uma espécie de autobiografia confessional também na revelação sem pose de uma teoria da poesia (ARRIGUCCI, 1992, p. 124).

Publicado em 1954, o *Itinerário* aproxima-se de outras memórias dos modernistas brasileiros, compostas num momento em

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

que esses autores, já canonizados e estabelecidos como modelos críticos, escreveram relatos autobiográficos, reavaliando o caminho percorrido. Também de 1954 é *Um homem sem profissão*, de Oswald de Andrade; em 1956, foi a vez de *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego. No final da década seguinte, em 1968, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade publicaram, respectivamente, *A idade do serrote* e *Boitempo*. Apesar de algumas afinidades entre esses relatos – a ênfase nas memórias de infância, por exemplo –, cada um deles tem as suas especificidades, afirmando-se o *Itinerário* como um livro “*sui generis*, ao menos em nosso meio” (ARRIGUCCI, 1992, p. 126).

Destaca o mesmo ensaísta que, sob o ponto de vista do gênero a que se filia, o *Itinerário* mescla elementos diversos – o confessional, da memória biográfica; e o poético-crítico, intelectual e imaginativo –, que se fundem numa modalidade especial de balanço de uma experiência poética. Instrumento imprescindível para a compreensão da poesia de Manuel Bandeira, o *Itinerário de Pasárgada* vale também por si mesmo: com sua linguagem clara e chã, de uma simplicidade natural que é a marca do poeta, o *Itinerário* constitui uma forma estética de organização da experiência. Por tais motivos, torna-se imperioso refletir sobre o *Itinerário*, apontando as especificidades desse relato autobiográfico extremamente revelador da dimensão artística e humana da poesia e prosa bandeirianas.

Manuel Bandeira escreveu suas memórias a partir de uma proposta de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. Mas, como a revista a que se destinavam “gorou” (expressão do próprio Bandeira), as memórias saíram, aos poucos, no *Jornal de Letras*, dos irmãos Condé. Em 1954, foram publicadas sob a forma de livro, o *Itinerário de Pasárgada*.

O título – que dá ao livro o seu caráter de caminhada rumo à poesia – faz pensar, logo de início, na concepção corriqueira, própria do senso comum, da vida como um caminho, um trajeto, um percurso orientado, que tem um começo, etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade (BOURDIEU, 1998, p. 183). Pierre Bourdieu acrescenta, referindo-se às “histórias de vida”:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, (...), propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

cronológica (...), tendem ou pretendem organizar-se em seqüências ordenadas segundo relações inteligíveis (BOURDIEU, 1992, p. 184).

O *Itinerário* constrói-se, efetivamente, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção. Dividido em vinte e um segmentos, estes se desenvolvem cronologicamente, articulando-se em três grandes ciclos ou etapas – discerníveis pela leitura atenta às indicações do próprio autor.

O primeiro ciclo, que compreende os dois segmentos iniciais, abrange a “primeira infância”, a meninice e a adolescência; o segundo ciclo, que se estende por sete segmentos, inclui os “anos de formação”, que o autor situa entre 1904 (ano em que adoeceu) e 1917 (quando editou o primeiro livro de versos, *Cinza das horas*); o terceiro ciclo, que compreende os doze últimos segmentos, refaz o percurso do *escritor* – condição assinalada pela publicação de *Cinza das horas* –, acompanhando sua trajetória livro a livro, até *Opus 10*, lançado em 1952.

Elaborando no *Itinerário* uma autobiografia intelectual – na qual o autobiógrafo “transporta-se ao acompanhamento de uma única frente” (LIMA, 1986, p. 243) –, Bandeira privilegia, ao evocar a memória de sua vida, os episódios relevantes para a formação do poeta, desde que nele surgiu pela primeira vez a emoção poética, até a difícil aprendizagem da linguagem da poesia. Mesclados àqueles episódios, e também construindo a unidade do relato, figuram os comentários críticos sobre poemas – próprios e alheios – e poetas; o desvendamento de influências, técnicas e tendências estéticas da poesia moderna; a consideração de relações entre a arte verbal e outras artes, como a pintura e a música.

Combinando a confissão e o discurso poético-crítico e intelectual, o *Itinerário* nos remete às palavras de Sylvia Molloy sobre os relatos autobiográficos: “O passado evocado molda-se por uma autoimagem sustentada no presente – a imagem que o autobiógrafo tem, aquela que ele ou ela deseja projetar ou aquela que o público pede” (MOLLOY, 2003, p. 22). Assim, considerando a separação entre o presente da enunciação e os acontecimentos vividos, Sylvia Molloy aponta a *imagem de si* como a mola propulsora da escrita autobiográfica.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Em Manuel Bandeira, a imagem do sujeito que se automodela no discurso autobiográfico apresenta uma dupla inscrição: numa cena pessoal, privada, e numa cena social, pública. No tocante à cena pessoal, a autoimagem liga-se à relação com a doença e à gradativa aceitação do destino que tornou sua vida sempre provisória. Na cena social, pública, a autoimagem vincula-se à formação do poeta modernista que elaborou uma concepção muito própria do fazer poético. As duas dimensões que integram a modelagem do *eu* no *Itinerário de Pasárgada* reúnem-se na autorrepresentação como “poeta menor” – denominação que esconde, sob a aparente despreensão e bom-humor, uma postura ética e uma teoria estética.

Tanto uma quanto outra – postura ética e concepção estética – têm suas raízes na infância, como o evidencia o primeiro segmento do *Itinerário* e, mais particularmente, o início do relato:

Sou natural do Recife, mas na verdade nasci para a vida consciente em Petrópolis, pois de Petrópolis datam as minhas mais velhas reminiscências. (...) O que há de especial nessas reminiscências (...) é que, não obstante serem tão vagas, encerram para mim um conteúdo inesgotável de emoção. A certa altura da vida vim a identificar essa emoção particular com outra – a de natureza artística. Desde esse momento, posso dizer que havia descoberto o segredo da poesia, o segredo do meu itinerário em poesia (BANDEIRA, 1983, p. 33)

Deste modo, Manuel Bandeira inicia o *Itinerário* por uma primeira concepção de poesia, ligada à experiência do momentâneo e à emoção poética. Se esta se encontra radicada em certas imagens da memória da infância em Petrópolis (cidade na qual a família, transferida para o Rio de Janeiro, passava algumas temporadas), o primeiro contato com a poesia sob a forma de versos deu-se “no Recife, depois dos seis anos” (BANDEIRA, 1983, p. 33), em contos de fadas e histórias da carochinha, nas cantigas de roda e nos livros de imagens.

Às impressões poéticas da primeira infância liga-se fortemente a imagem do pai e de suas lições:

(...) na companhia paterna ia-me eu embebendo dessa ideia de que a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas. O próprio meu pai era um grande improvisador de nonsenses líricos, o seu jeito de dar expansão ao gosto verbal nos momentos de bom humor (BANDEIRA, 1983, p. 34).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

No segundo segmento do *Itinerário*, Manuel Bandeira rememora o período em que cursou o Colégio Pedro II, então Externato do Ginásio Nacional. Também nesse bloco, o autor enfatiza as experiências que contribuíram para a sua formação como poeta, a começar pela evocação da casa de Laranjeiras, na qual passou a residir em 1896:

Nunca brinquei com os moleques da rua, mas impregnei-me a fundo do *realismo da gente do povo*. Jamais esqueci das palavras com que certo caixeiro de venda português deu notícia de um companheiro que não era visto havia algum tempo: “O seu Alberto está com os pulmões podres” (BANDEIRA, 1983, p. 35. Grifos nossos).

O próprio autobiógrafo explicita a importância daquele “realismo” para a sua trajetória poética:

Essa influência da fala popular contrabalançava a da minha formação no Ginásio, onde em matéria de linguagem eu me deixava assessorar por meu colega Sousa da Silveira, naquele tempo todo voltado para a lição dos clássicos portugueses (BANDEIRA, 1983, p. 35).

Segue-se, então, a lembrança dos colegas e mestres que lhe proporcionaram lições “preciosas” para a sua experiência poética. Dentre os primeiros, ganha destaque Sousa da Silveira, que chamava a atenção do amigo para a presença, nos grandes escritores do passado, do “elemento indefinível que é o gênio da língua” (BANDEIRA, 1983, p. 36). Quanto aos mestres, a Silva Ramos (e ao colega Sousa da Silveira), Manuel Bandeira deve o gosto por Camões, de quem sabia de cor episódios de *Os Lusíadas*.

Esse segundo segmento do *Itinerário* termina com o registro – tantas vezes repetido por Bandeira – da manifestação da tuberculose, doença então fatal que frustra o seu projeto de ser arquiteto (estimulado pelo pai) e o encaminha para a literatura:

(...) partia eu para São Paulo, onde ia matricular-me no curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica. Pensava que a idade dos versos estava definitivamente encerrada. Ia começar para mim outra vida. Começou de fato, mas durou pouco. No fim do ano letivo adoeci e tive de abandonar os estudos, sem saber que seria para sempre. Sem saber que os versos, que eu fizera em menino por divertimento, principiaria então a fazê-los por necessidade, por fatalidade (BANDEIRA, 1983, p. 39).

Encerra-se neste ponto o que consideramos a primeira etapa do *Itinerário de Pasárgada*, na qual o autor reúne, em sequência

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

cronológica, as impressões poéticas da infância e as lições aprendidas em parte de sua adolescência. É na infância que se enraíza a primeira noção de poesia – ligada à experiência do momentâneo e à emoção poética –, e que se forja a sua concepção lúdica do fazer poético, relacionada à ideia de que a poesia está em tudo. Na adolescência, ao realismo da gente do povo soma-se a lição dos clássicos portugueses – ambos fundamentais para a configuração da ética e da estética bandeirianas.

Inicia-se, então, o segundo ciclo do *Itinerário de Pasárgarda*, etapa que o próprio autobiógrafo chama de período de “formação”, como se evidencia nesta passagem em que o autor, no presente da enunciação, confessa o arrependimento por ter começado suas memórias:

O meu arrependimento vem do nenhum prazer que encontro nestas evocações, da mediocridade que elas respiram, e ainda das dificuldades em que me vejo ao tentar refazer o meu itinerário no período que vai do ano de 1904, em que adoecei, ao de 1917, quando publiquei o meu primeiro livro de versos – *A cinza das horas*. Foi nesses treze anos que tomei consciência de minhas limitações e nesses treze anos que formei a minha técnica (BANDEIRA, 1983, p. 39).

Referindo-se às suas limitações, Bandeira autocaracteriza-se como “poeta quando Deus é servido”, para o qual o esforço consciente só resulta em insatisfação, e que cria numa espécie de transe ou alumbramento, “momento de extraordinária intensidade vital, de súbita iluminação do espírito” (ARRIGUCCI, 1992, p. 133). Incapaz das “grandes abstrações generosas” (BANDEIRA, 1983, p. 40), Manuel Bandeira se encena como “um poeta menor”, para quem a poesia é um desabafo momentâneo, como se brotasse por uma necessidade íntima, nascida de suas “pequenas dores e ainda menores alegrias” (BANDEIRA, 1983, p. 40).

Quanto à formação de sua técnica, o poeta maduro recorda a descoberta, feita pelo “jovem poeta”, de que a poesia está nas palavras, se faz com palavras, e não com ideias e sentimentos, embora “seja pela força do sentimento ou pela tensão do espírito que acodem ao poeta as combinações de palavras onde há carga de poesia” (BANDEIRA, 1983, p. 40). Assim, o *Itinerário* reconstitui, com clareza e minúcia, a configuração de uma teoria da poesia. Para caracterizá-la, servimo-nos das palavras de Davi Arrigucci:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(...) a concepção da poesia para Bandeira tem de fato uma dupla face. Por um lado, ela surge, como se se tratasse de uma manifestação espontânea, de uma súbita iluminação, o alumbramento. (...) Por outro lado, no entanto, a poesia está nas palavras e é fruto de um saber e de um trabalho consciente de um poeta artesão, experimentado na prática do verso, capaz de dar forma a uma certa ordem de experiência da realidade, ou de desentranhar, após o exercício de longo aprendizado, a matéria preciosa metida na ganga impura do mundo. (...) A conciliação dessas faces, aparentemente contraditórias, é um dos golpes de grande poeta de Bandeira (ARRIGUCCI, 1992, p. 135-6).

O *Itinerário de Pasárgada* converte-se, então, na história da aprendizagem dos meios técnicos. Aprendizagem que se faz com o estudo atento de numerosos poetas, dentre os quais Alberto de Oliveira, Bilac, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, Antônio Nobre, Cesário Verde e Eugênio de Castro; com a ajuda dos lapsos de memória e do exame das variantes de um verso ou poema; e sob incontáveis influências literárias, “sucessivas, não simultâneas” (BANDEIRA, 1983, p. 43): Musset, Verhaeren, Villon, Eugênio de Castro, Lenau, Heine, Charles Guérin, Sully Prudhomme.

Ao destacar os poetas, poemas e versos que fizeram época na sua “experiência poética desses *anos de formação*” (BANDEIRA, 1983, p. 43, grifos nossos), o autor ressalta, por exemplo, os sonetos de Camões, que o reconciliaram com o hiato e que o ajudaram, juntamente com outros poetas, a não desdenhar as chamadas rimas pobres. Outra experiência decisiva nos “anos de formação” é a difícil conquista do verso verdadeiramente livre:

O hábito do ritmo metrificado, da construção redonda foi-se me corrigindo lentamente a força de que estranhos dessensibilizantes: traduções em prosa (as de Poe por Mallarmé), poemas *désavoués* pelos seus autores (...), *menus*, receitas de cozinha, fórmulas de preparados para pele, como esta:

Óleo de rícino

Óleo de amêndoas doces

Álcool de 90°

Essência de rosas (BANDEIRA, 1983, p. 47-8).

Ainda no tocante à aprendizagem dos meios técnicos, Manuel Bandeira dedica um segmento do *Itinerário* às influências do desenho e da música em sua poesia; e outro à sua estada no sanatório suíço de Clavadel, de junho de 1913 a outubro de 1914, no qual conhe-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ceu os poetas Paul Eugène Grindel (que mais tarde assinaria Paul Éluard) e Charles Picker, que têm um rápido perfil traçado por Bandeira. Assinalando que, em Clavadel, pela primeira vez pensou seriamente em publicar um livro de versos, Manuel Bandeira fecha o segundo ciclo de seu “itinerário”.

Deste modo, ao re(construir) essa etapa de sua formação, o autor, no presente da enunciação, seleciona as experiências e episódios que o levaram a forjar uma concepção de poesia muito particular, que alia o improvisado e a construção refletida, a inspiração e a técnica. É essa a *imagem de si* que impulsiona a escrita autobiográfica do *Itinerário de Pasárgada*, na qual a doença que tão brutalmente invadiu a vida do adolescente cede lugar ao aprendizado da poesia, sem, todavia, apagar-se por completo, como o evidencia esta passagem do *Itinerário*:

Esses versos me impressionaram profundamente [os versos do poema “Paroles aux jeunes gens”, de Guy-Charles Cross] e duplamente: o doente imobilizado numa *chaise-longue* sentia-se de certo modo um pouco ressarcido das longas privações por aquela cínica atitude do poeta diante do amor e das mulheres; o rapaz que fazia versos metrificadas e rimados (...) achou um sabor diferente nesses versos, em que alexandrinos de corte tradicional se misturavam a outros de livre movimento rítmico. E entrou a versejar pela nova cartilha (BANDEIRA, 1983, p. 47. Grifos nossos).

Acompanhando “em surdina” o *Itinerário*, tema constante da obra poética, a doença é comentada sem rodeios na crônica “Minha adolescência”, publicada no livro *Andorinha, andorinha*:

A história de minha adolescência é a história de minha doença. Adoeci aos dezoito anos (...). A moléstia não me chegou sorrateiramente, como costuma fazer, com emagrecimento, febrinha, um pouco de tosse, não: caiu sobre mim de supetão e com toda a violência, como uma machadada de Brucutu. Durante meses, fiquei entre a vida e a morte. Tive de abandonar para sempre os estudos. Como consegui com os anos levantar-me desse abismo de padecimentos e tristezas é coisa que me parece a mim e aos que me conheceram então um verdadeiro milagre. Aos trinta e um anos, ao editar o meu primeiro livro de versos, *A cinza das horas*, era praticamente um inválido (BANDEIRA, 1983a, p. 663).

A publicação de *A cinza das horas*, em 1917, abre o que identificamos como a terceira etapa do *Itinerário*, que acompanha passo a passo a obra do *escritor*. Nessa etapa, é marcante a presença do sujeito da enunciação, que, à distância, avalia a sua obra, comparti-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lhando essa avaliação com os críticos que se manifestaram sobre os primeiros livros do poeta. De *A cinza das horas*, por exemplo, diz o poeta no presente da escrita, já consciente de que a poesia reúne, em constante tensão, espontaneidade e técnica:

Nada tenho para dizer desses versos, senão que ainda me parecem hoje, como me pareciam então, não transcender a minha experiência pessoal, como se fossem simples queixumes de um doente desenganado, coisa que pode ser comovente no plano humano, mas não no plano artístico (BANDEIRA, 1983, p. 56).

A partir da referência ao livro *Carnaval*, torna-se mais frequente, no *Itinerário*, a explicação sobre a gênese dos seus poemas, como é o caso do emblemático “Os sapos”. A propósito de tal poema, Bandeira faz a primeira menção à geração modernista, atribuindo ao relato autobiográfico outra dimensão, que é a da biografia de grupo: a história de sua formação como poeta aproxima-se, então, da história do movimento modernista no Brasil, sempre a partir de um viés crítico e distanciado – distanciamento proporcionado pelo afastamento temporal e pela independência de Bandeira com relação à-quele movimento, como se verá logo adiante.

Nessa etapa do *Itinerário*, o poeta continua a recordar os ensinamentos e as influências que recebeu, destacando-se, nesse âmbito, a importância da Rua do Curvelo em sua poesia:

A Rua do Curvelo ensinou-me muitas coisas. [Ribeiro] Couto foi avisada testemunha disso e sabe que o elemento de humilde cotidiano que começou desde então a se fazer sentir em minha poesia não resultava de nenhuma intenção modernista. Resultou, muito simplesmente, do ambiente do morro do Curvelo (BANDEIRA, 1983, p. 60).

Relembrando esse período de sua trajetória, o autobiógrafo avalia:

A morte de meu pai e a minha residência no morro do Curvelo de 1920 a 1933 *acabaram de amadurecer o poeta que sou*. Quando meu pai era vivo, a morte ou o que quer que me pudesse acontecer não me preocupava, porque eu sabia que pondo a minha mão na sua, nada haveria que eu não tivesse a coragem de enfrentar. Sem ele eu me sentia definitivamente só. E era só que teria de enfrentar a pobreza e a morte. Quanto ao morro do Curvelo, o meu apartamento, o andar mais alto de um velho casarão quase em ruína, era, pelo lado dos fundos, posto de observação da pobreza mais dura e mais valente, e pelo lado da frente, ao nível da rua, zona de convívio com a garotada sem lei nem rei que infestava as minhas janelas, quebrando-lhes às vezes as vidraças, mas restituindo-me

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

de certo modo o meu clima de meninice da Rua da União em Pernambuco. Não sei se exagero dizendo que foi na Rua do Curvelo que reaprendi os caminhos da infância. Lá escrevi quatro livros, três de poesias – *O ritmo dissoluto*, *Libertinagem*, e quase toda a *Estrela da manhã*, e um de prosa – as *Crônicas da Província do Brasil* (BANDEIRA, 1983, p. 60. Grifos nossos).

Assim, Manuel Bandeira atribui à Rua do Curvelo um componente fundamental do ideal estético que o norteia e o individualiza: a busca de uma elevada emoção poética através das palavras mais simples de todo dia. O *Itinerário* deixa evidente que, para o poeta,

(...) a inspiração repentina, se dá no chão do mais “humilde cotidiano”, de onde o poético, como um *sublime* oculto, pode ser desentranhado, ou seja, *re-velado*, por força da depuração e condensação da linguagem, na forma simples e natural do poema (ARRIGUCCI, 1992, p. 128-9).

É bem verdade que o “estilo humilde” e a simplicidade natural – traços distintivos da forma de expressão madura do poeta – forjaram-se lentamente, desde a infância, passando pelo contato decisivo com a tradição literária e pela experiência da doença – percurso que o *Itinerário* exhibe com clareza. Sobre esta última, afirma o poeta: “Fui menino turbulento, nada sentimental. A doença, porém tornara-me paciente, ensinara-me a humildade, o que estava muito certo” (BANDEIRA, 1983, p. 61).

O poeta também assinala, nesse ponto do *Itinerário*, a influência de Ribeiro Couto – foi por intermédio dele que tomou contato com a nova geração literária do Rio e de São Paulo – e de Mário de Andrade:

Apesar de certas rebarbas que sempre me feriram na sua poesia, senti de pronto a força do poeta e em muita coisa que escrevi depois reconhecia a marca deixada por ele no meu modo de sentir e exprimir a poesia. Foi, me parece, a última grande influência que recebi: o que vi e li depois disso já me encontrou calcificado em minha maneira definitiva (BANDEIRA, 1983, p. 62).

Sobre sua participação no movimento modernista, avalia o poeta, na maturidade:

Foi assim que me vi associado a uma geração que, em verdade, não era a minha, pois, excetuados Paulo Prado, Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida, todos aqueles rapazes eram em média uns dez anos mais moços do que eu. A minha colaboração com ela (como, por outros motivos, também a de Ribeiro Couto), sempre se fez com restrições. (...) Nunca atacamos publicamente os mestres parnasianos e simbolistas,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

nunca repudiamos o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificados e rimados. Pouco me deve o movimento: o que eu devo a ele é enorme. Não só por intermédio dele vim a tomar conhecimento da arte de vanguarda na Europa (...), como me vi sempre estimulado pela aura de simpatia que me vinha do grupo paulista (BANDEIRA, 1983, p. 64-5).

Dando continuidade ao *Itinerário*, o poeta comenta *Ritmo dissoluto*, publicado em 1924, e *Libertinagem*, lançado em 1930. Os procedimentos são semelhantes aos empregados anteriormente, no segmento reservado aos seus primeiros livros: Bandeira informa as condições de publicação das duas obras, assim como as avalia criticamente, a partir do presente da escrita. Esclarece a origem de alguns poemas e o processo de criação dos mesmos, associando-os, por vezes, às circunstâncias biográficas às quais estão vinculados, como é o caso de “Vou-me embora pra Pasárgada”:

“Vou-me embora pra Pasárgada” foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. (...). Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; e também porque parece que nele soube transmitir a tantas outras pessoas a visão e promessa da minha adolescência – essa Pasárgada onde podemos viver pelo sonho o que a vida madrasta não nos quis dar (BANDEIRA, 1983, p. 80).

O desejo de explicar a gênese de certos poemas aproxima-o da história do movimento modernista, ainda que salientando, como afirmamos, sua autonomia com relação ao Modernismo. É o que se vê nesta passagem do 14º bloco do *Itinerário*:

Libertinagem contém os poemas que escrevi de 1924 a 1930 – os anos de maior força e calor do movimento modernista. Não admira pois que seja entre os meus livros o que está mais dentro da técnica e da estética do modernismo. Isso todo mundo pode ver. O que no entanto poucos verão é que muita coisa que ali parece modernismo, não era senão o espírito do grupo alegre de meus companheiros diários naquele tempo: Jaime Ovalle, Dante Milano, (...). Se não tivesse convivido com eles, decerto não teria escrito, apesar de todo o modernismo, versos como os de “Mangue”, “Na boca, “Macumba do Pai Zusé”, “Noturno da Rua da Lapa” etc. (BANDEIRA, 1983, p. 76-7).

Na reconstituição de seu “itinerário”, o poeta dá destaque à mudança, em 1933, do Curvelo para a Moraes e Vale, “uma rua em cotovelo, no coração da Lapa” (BANDEIRA, 1983, p. 81), na qual compôs a maioria dos versos da *Estrela da manhã* (1936) e da *Lira dos cinquent’anos* (1940). Se a Rua do Curvelo proporcionara à sua poesia o “elemento de humilde cotidiano”, a Moraes e Vale faz nascer no poeta o “sentimento de solidariedade com a miséria”:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Da janela do meu quarto em Morais e Vale podia eu contemplar a paisagem, não como fazia no morro do Curvelo, sobranceiramente, mas como que de dentro dela: as copas das árvores do Passeio, os pátios do Convento do Carmo, a baía, a capelinha da Glória do Outeiro... No entanto e quando chegava à janela, o que me retinha os olhos, e a meditação, não era nada disso: era o becozinho sujo, embaixo, onde vivia tanta gente pobre (...). Esse sentimento de solidariedade com a miséria é que tentei pôr no “Poema do Beco”, com a mesma ingenuidade com que mais tarde escrevi um poema sobre o boi morto que vi passar numa cheia do Capibaribe (BANDEIRA, 1983, p. 81).

As homenagens por seus 50 anos, completados em 1936; a tarefa de organizar antologias; a atividade da crítica de arte e de artes plásticas; a eleição para a Academia Brasileira de Letras, em 1940: cada um destes episódios ou experiências enseja instigantes reflexões do poeta que, no presente da enunciação, não apenas comenta criticamente a própria trajetória, mas a vida literária do país, por ele testemunhada em momentos diversos do século XX. Observe-se esta passagem, no 17º segmento do *Itinerário*:

A Academia de 1940 já estava bem longe de poder competir com a de 1901, que eu vi reunida no Gabinete Português de Leitura na noite de 2 de junho para ouvir o elogio de Gonçalves Dias por Olavo Bilac (...). A de junho de 1901 representava realmente a plenitude de nossa força intelectual nas letras. (...) A muitos deles [os acadêmicos de então] tive ocasião de ver de perto naquela noite, e ainda tenho bem presente o sentimento de admiração e respeito com que os olhei na ingenuidade dos meus quinze anos. Sem dúvida isso me ajudou a compreender que a Academia não é só o elenco atual, mas alguma coisa que transcende a geração do momento (BANDEIRA, 1983, p. 88).

Enquanto prossegue na reconstituição de seu percurso – em que passam a figurar as *Poesias escolhidas* (1937), as *Poesias completas* (1940) e os *Poemas traduzidos* (1945), além do livro *Belo belo* (1948) –, o autobiógrafo continua a encenar-se como “poeta de circunstâncias e desabafos” (BANDEIRA, 1983, p. 98), que não faz poesia quando quer, mas sim “quando ela, poesia, quer” (BANDEIRA, 1983, p. 92). Assim, revendo e sintetizando sua trajetória, diz Manuel Bandeira, no penúltimo segmento do *Itinerário*, em que comenta o livro *Mafuá do Malungo* (1948):

Já contei que os meus primeiros versos datam dos dez anos e foram versos de circunstância. Até os quinze não versejei senão para me divertir, para caçoar. Então vieram as paixões da puberdade e a poesia me servia de desabafo. Fiz algumas tentativas de escrever poesia sem apoio nas

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

circunstâncias. Todas malogradas. Sou poeta de circunstâncias e desabafos (BANDEIRA, 1983, p. 98).

No último bloco do *Itinerário*, Manuel Bandeira convida o leitor a olhar para trás e a partilhar com ele, poeta, o caminho percorrido, desta vez na sua relação com a doença e a morte:

Quando caí doente em 1904, fiquei certo de morrer dentro de pouco tempo (...). Mas fui vivendo, morre não morre, (...).

Continuei esperando a morte para qualquer momento, vivendo sempre como que provisoriamente. Nos primeiros anos da doença me amargurava muito a ideia de morrer sem ter feito nada; depois a forçada ociosidade. Já disse como publiquei *A cinza das horas* para de certo modo iludir o meu sentimento de vazia inutilidade. Este só começou a se dissipar quando fui tomando consciência da ação dos meus versos sobre amigos e principalmente sobre desconhecidos. Uma tarde voltei para casa seriamente impressionado de ter ouvido, na Livraria José Olympio, Rachel de Queiroz me dizer:

Você não sabe o que a sua poesia representa para nós.

Foi a força de testemunhos como esse, às vezes de gente quase de todo alheia à literatura, que principiei a aceitar sem amargura o meu destino. Hoje na verdade me sinto em paz com ele e pronto para o que der e vier (BANDEIRA, 1983, p. 101).

Deste modo, o *Itinerário* termina pela aceitação do seu destino e pelo reconhecimento do trabalho cumprido, da obra acabada. E o escritor encerra a história de sua experiência poética com a autoimagem do poeta que chegou ao apaziguamento de suas insatisfações e revoltas “pela descoberta de ter levado à angústia de muitos uma palavra fraterna” (BANDEIRA, 1983: 102):

Agora a morte pode vir – essa morte que espero desde os dezoito anos; tenho a impressão que ela encontrará, como em “Consoada” está dito,

a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar (BANDEIRA, 1983, p. 102).

A simplicidade natural dos versos acima vem nos lembrar que a autorrepresentação do *eu* como “poeta menor” se projeta – ou se constrói – no estilo do *Itinerário de Pasárgada*. Este, como a poesia de Manuel Bandeira, é marcado pela mescla estilística inovadora e moderna, que persegue “uma elevada emoção poética através das pa-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

lavras mais simples de todo dia” (ARRIGUCCI, 1992, p. 128). Também no *Itinerário* Manuel Bandeira exhibe o paradoxo essencial de sua forma, que é “o da simplicidade que entranha a complexidade e depura a dificuldade em translucidez” (ARRIGUCCI, 1992, p. 129). Eis alguns exemplos, dentre muitos outros, dessa mestria expressiva retirada das palavras mais simples e coloquiais:

Antes de conhecer o manual de Castilho, eu *embatucava* diante de certos problemas. *De uma feita*, fui, muito *encalistrado*, perguntar a meu tio Cláudio se “Vésper” rimava com “cadáver” (Bandeira, 1983: 36. Grifos nossos).

Fiz-lhe ver que o estudo da poesia colonial estaria muito melhor nas mãos de Sérgio Buarque de Holanda; (...) e que o modernismo era *cumbuca onde eu, macaco velho, não me atrevia a meter, já não digo a mão, mas sequer a primeira falange do dedo mindinho* (BANDEIRA, 1983, p. 84. Grifos nossos).

Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma da canção paraliística (...) (BANDEIRA, 1983, p. 91. Grifos nossos).

Se, como afirma Jean Starobinsk,

o estilo é o índice não só da relação entre aquele que escreve e seu próprio passado, mas também o do projeto de uma maneira de dar-se a conhecer ao outro (STAROBINSKI, *apud* MIRANDA, 1992, p. 30),

O *poeta moderno* Manuel Bandeira encena-se de modo mais completo na linguagem simples e coloquial e na narrativa chã do *Itinerário* – produto de uma longa e difícil aprendizagem e expressão de uma postura ética exercitada no curso de sua formação humana e artística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico*. Dilemas de la subjetividad contemporânea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

ARRIGUCCI Jr., Davi. *Humildade, paixão e morte*. A poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BANDEIRA, Manuel. Itinerário de Pasárgada. In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 33-102.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____. Andorinha, andorinha. In: _____. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983a, p. 657-701.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 183-191.

LIMA, Luiz Costa. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: _____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 243-309.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: USP; Belo Horizonte: UFMG, 1992.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*. A escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó: Argos, 2003.